

JACOBY, Russel - *Os últimos intelectuais: a cultura americana na Era da Academia* (Tradução: Magda Lopes; revisão da tradução: Caio Rodrigues e Martha Steinberg). São Paulo: Trajetória Cultural; Editora Universidade de São Paulo, 1990.

Tânia Maria Corrêa Camarcio
Socióloga e Mestranda em Sociologia, UnB

Os últimos intelectuais é o primeiro livro de Russel Jacoby publicado no Brasil. Sua obra além de ser uma crítica aos intelectuais ausentes é também uma espécie de autocrítica, pois, quando está investigando os intelectuais mais jovens, ele se inclui, e, quando está se referindo a uma geração ausente, está se propondo a discutir sua própria geração. Há de se considerar ainda o fato de Jacoby ter percorrido sete universidades e lecionado várias disciplinas, o que o inclui no rol dos intelectuais acadêmicos americanos.

Sua preocupação básica é com uma lacuna que constata na cultura americana - a ausência de uma geração de intelectuais jovens (de até 45 anos), justamente aqueles que alcançaram maioridade nos anos 60 e que se constituíam em críticos mordazes das universidades, dos professores de sua época e dos pensadores do passado. Mostra que, por ironia, são justamente estes intelectuais que vão se alojar nas universidades e substituir os intelectuais públicos do passado, vindo a compor a chamada "geração silenciosa".

O autor considera que houve um deslocamento da *intelligentsia* da cena pública para o campo acadêmico, e que a compreensão deste fato passa pela percepção dos acontecimentos econômicos que ocorreram nos Estados Unidos nas últimas décadas e que impulsionam ou deprimem a sua vida cultural. A reestruturação do espaço urbano com o desaparecimento do cenário boêmio, habitat dos últimos intelectuais, bem como a expansão dos subúrbios e do ensino superior após a Segunda Guerra Mundial, vão ser determinantes para o modelamento de uma nova geração. O autor está preocupado fundamentalmente em saber "como uma geração de intelectuais viveu a boemia e quando e porque esta deixou de atrair uma geração intelectual mais jovem" (p. 48).

Observando o horizonte cultural americano, constata o autor que o macarthismo e o antiintelectualismo popular imperantes nos anos 1950, de certa forma influenciaram na produção intelectual e reduziram o espaço para a livre especulação, tornando incerto o futuro

dessa geração que tanto necessitava dos bares e cafés para se refugiar do fardo da vida urbana. Por outro lado, o desenvolvimento industrial e a deterioração urbana também devastam o ambiente e transformam os hábitos e a linguagem dos intelectuais. Os bairros boêmios são substituídos por lojas e prédios residenciais. Bairros tipicamente boêmios como Greenwich Village (que desde 1900 era ponto de encontro dos intelectuais independentes) sucumbem frente à especulação imobiliária, expulsando os intelectuais e os artistas marginais. Os demais centros boêmios sofrem o mesmo processo de exclusão, sendo quase totalmente eliminados.

Mostra assim, que o desaparecimento da boemia intelectual está estreitamente vinculado à expansão dos subúrbios e à deterioração dos centros urbanos. A medida que os subúrbios prosperam, as boemias são golpeadas. Ocorre aí uma mudança não apenas geográfica, mas também de ordem cultural. Os intelectuais mais jovens se deslocam para lugares mais distantes das metrópoles deterioradas, ou seja, para as espaçosas cidades universitárias, onde além de usufruírem dos benefícios inerentes à vida dos subúrbios, conseguem emprego estável. O período pós-Segunda Guerra Mundial se caracteriza então pela submissão do intelectual às hostilidades do macarthismo e o conseqüente conformismo. A profissionalização se desponta como o espaço de refúgio a essas pressões. É neste contexto que o intelectual boêmio independente perde espaço para o acadêmico profissional e o exercício literário e crítico perdem o caráter de vocação e se tornam carreira.

Contextualizando historicamente esses acontecimentos, Jacoby constata que tanto os urbanistas (intelectuais independentes dos anos 50) como os *beats* (contracultura dos anos 60) constituem os últimos boêmios no período da descentralização urbana. Os *beats* criticavam todos os aspectos da sociedade americana e discordavam dos que consideravam a boemia como morta. Se distinguiam dos antigos boêmios por sua devoção ao automóvel, às estradas e, devido ao seu populismo, pelo amor ao povo americano. Os *beats* e a boemia são reconhecidos nos anos 60 como *hippies* e contracultura. Além de serem cúmplices da substituição da ética do trabalho pela do anti-consumo, antecipam a desurbanização americana, são considerados os rebeldes dos anos 60, que desmistificam a idéia de uma juventude conformista. Conseguem obter seguidores na chamada geração *baby boom* das universidades, uma massa crítica que se congrega em comunidades.

Retrata também em sua obra as distintas posições dos intelectuais nova yorkinos e os não-nova yorkinos, através dos embates que estes travam na vida cultural desta metrópole a partir dos anos 50. Em suas argumentações, procura demonstrar que não são as peculiaridades étnicas que influem nas mudanças de posições destes intelectuais, mas os acontecimentos históricos. Os intelectuais que se tornam adultos nos anos 60 vêm a vida fora do espaço acadêmico apenas como uma lembrança. Intelectuais públicos proeminentes nos

anos 50 como Lewis Mumford, Edmund Wilson, Gore Vidal, entre outros, se recusam trocar a vida de escritores e editores independentes pela de professor. Estes intelectuais, no entanto, continuam a desempenhar papel ativo nas letras e na política americana por terem conseguido definir uma política cultural que sobrevivesse nos anos 80 e portanto ultrapassasse sua época.

Na visão de Jacoby, nos anos 80, o foco da discussão vai se centrar no intelectual enquanto uma categoria sociológica e não no intelectual independente e boêmio. A principal questão é saber se esses constituem uma nova classe, uma vez que vivem mais como grupos profissionais ou de interesse. A retaguarda institucional que resguarda o trabalho intelectual torna-se, portanto, imprescindível. Não se pergunta mais quem é o intelectual, mas a que instituição está vinculado.

O fio condutor de toda sua análise gira em torno de como a figura do intelectual independente, definidor de uma cultura abrangente e que necessita da legitimação de um público mais amplo, vai perdendo terreno para o intelectual profissional, confinado nas universidades, com linguagem e universo próprios e portanto invisíveis no cenário social. Logicamente o ambiente, os hábitos e a linguagem dos intelectuais são também modificados, passando a se adaptar aos ditames dos mecanismos institucionais e à busca de uma carreira universitária promissora. Considera que nem a esquerda escapa a esse enquadramento, também se aprisionando ao empreendimento acadêmico. Em vez dos intelectuais da nova esquerda invadirem as universidades, vai ocorrer o contrário, vão ser envolvidos pela linguagem, pelos conceitos e interesses acadêmicos. Mostra assim, que a política da profissão acadêmica vai prevalecer sobre as utopias revolucionárias.

Jacoby examina cuidadosamente a presença da esquerda no espaço acadêmico, mostrando que poucos radicais conseguiram resistir aos imperativos profissionais, apesar das influências e dos impactos que ocasionaram na maioria das universidades americanas. Para ele, mesmo que os economistas radicais e marxistas tenham conseguido um espaço na academia, mantendo compromisso com o grande público, suas realizações foram limitadas e alcançaram êxitos ocasionais. Foram poucos os economistas que conseguiram confrontar de forma lúcida a realidade econômica, os raros exemplos são de economistas da última geração, como John Kenneth Galbraith (1908), Albert Hirschman (1915), Robert Heilbroner (1919) e Robert Lekachman (1920), que deixaram poucos seguidores. Os intelectuais de esquerda não sucumbiram ingenuamente aos ditames acadêmicos, mas os adotaram conscientemente e, a busca de galgar postos burocráticos nada mais é do que uma estratégia de ocupação de espaços na perspectiva de se assumir o poder.

Ao concluir seu livro, o autor procura retratar de forma sugestiva quem são os "últimos intelectuais" americanos, evocando pensadores eminentes que viviam de suas próprias obras - Lewis

Mumford (1895), Edmund Wilson (1895-1972) -, distantes do mundo acadêmico. A impressão que se têm é de que estamos diante da presença de verdadeiras relíquias do mundo intelectual americano. Por outro lado, desmistifica a idéia que se tem de que os radicais esquerdistas dominam as universidades, mostrando que os conservadores ativos e comprometidos são majoritários. No entanto, aponta-nos perspectivas mais otimistas quando mostra que os intelectuais dos anos 60, apesar de invisíveis, podem modificar sua imagem tornando-se abertos a um público mais expressivo no futuro, uma vez que "o que é silencioso e profissional hoje pode ser aberto e público amanhã" (p. 247).

Esta obra de Russel Jacoby é bastante polêmica pelo fato de questionar e criticar a vida cultural americana de uma forma contundente. A leitura do livro é recomendável, por ser uma obra cativante, atual e que em muitos aspectos leva-nos a refletir acerca da nossa própria realidade cultural, sugerindo, às vezes, aproximações interessantes. No entanto, ao longo de sua análise é perceptível um fundo de nostalgia, principalmente quando o autor focaliza a ausência de vozes dos intelectuais jovens na vida cultural e quando enfatiza o desaparecimento dos intelectuais boêmios, considerados como os "últimos intelectuais" públicos.

Sua obra é um tributo à análise crítica. É perceptível sua preocupação com a revitalização da cultura americana, o que vem demonstrar, que apesar da autocrítica que faz, Jacoby não é um pensador acomodado. Pelo contrário, sua análise é instigante, e serve de alerta para a reavaliação tanto do trabalho intelectual como do papel histórico dessa categoria.